



DN

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Segunda-feira, 30 de Dezembro de 2024 - Edição nº5237

De Segunda à Sexta - Editor interino: Laurindos Macuácuca - cell:863695967
Propriedade: Media - Jornalistas Associados Limitada - GABINFO-Dispensa de Registo - DE-2003
Redacção e Administração: Rua Dom João Castro, 321- Maputo - Moçambique
Telefone: 844719596 ou 875431598
E-mail: dndemoc@gmail.com

Assinaturas mensais: 700,00 MT (ordinária),
1.300,00 MT (institucional) e 1.750,00 MT (embaixadas e ONGs estrangeiras)



25 anos ao seu dispor - Tel: 21 492706/7
Rua Dom Joao Castro, 321 - Maputo
miramarkayakwanga@tdm.co.mz

ALÉM DE REVER A CONSTITUIÇÃO DE MOÇAMBIQUE

Venâncio Mondlane quer retirar arma da bandeira

(Maputo) O candidato presidencial Venâncio Mondlane, que lidera a maior contestação aos resultados eleitorais em Moçambique desde as primeiras eleições no país (1994), sugeriu ontem uma alteração à bandeira moçambicana e a revisão da Constituição.

“No ano que vem, nós queremos uma nova bandeira

em Moçambique e nesta nova bandeira vai ter de ser retirada esta arma (...) a bandeira representa o espírito de um povo e, se há uma arma na bandeira, quer dizer a nossa mentalidade ainda está armada”, disse Mondlane, num directo a partir da rede social Facebook.

Em causa está a maior contestação aos resultados eleitorais que Moçambique conheceu desde as primeiras eleições, em 1994, protestos que

levaram o caos às ruas, provocando quase 300 mortes em resultado de confrontos entre a Polícia e os manifestantes, liderados por Mondlane, a partir do estrangeiro.

Além da retirada da arma na bandeira moçambicana até ao dia 10 de Janeiro, com um “curso” aberto para propostas, Mondlane quer a revisão da Constituição da República e a eleição,



DE UM TOTAL 1.534

Recapturados pelo menos 280 reclusos evadidos em Maputo

(Maputo) Pelo menos 280 reclusos foram recapturados, de um total 1.534 que fugiram de estabelecimentos penitenciários de Maputo, e foi criada uma comissão de inquérito para investigar o caso, anunciou este sábado o vice-ministro da Justiça.

“Tivemos cerca de 1.534 evadidos, dos quais 100 do lado do estabelecimento penitenciário de máxima segurança e os restantes (...) do estabelecimento provincial de Maputo. [Do total], já foram recapturados 280 [reclusos]”, disse à comunicação social Filimão Suaze,

vice-ministro da Justiça, Assuntos Constitucionais e Religiosos, após visitar os estabelecimentos penitenciários, em Maputo.

Dos 280 reclusos, mais de 100 foram recapturados na sexta-feira, avançou o governante, referindo que a maior parte dos fugidos foram devolvidos à prisão pelos seus familiares e outros apresentaram-se às autoridades voluntariamente.

“Boa parte destes números têm sido [registados] graças à colaboração das famílias que denunciam a chegada a casa dos seus familiares fora do tempo [de reclusão] previsto e facilmente percebem que é dentro deste esquema de fuga”, disse.

O vice-ministro da Justiça rebateu ainda as alegações sobre a colaboração das autoridades na fuga dos reclusos, avançando que foi instaurada uma comissão de inquérito para perceber como terá sido preparada a evasão.

“Se a intenção fosse nossa, que nunca seria mesmo porque seria estranho, de simplesmente abrir os portões e libertar reclusos, teríamos feito porque as chaves estão connosco, é uma questão de abrir as portas e permitir que as pessoas saiam e não tínhamos de passar por um exercício de destruição massiva como se passou aqui”, disse Suaze.

De acordo com o responsável, durante a evasão foram incendiadas



localmente, dos líderes dos distritos e bairros em todas as províncias do país.

“Todas as instituições, desde as administrações até aos governos provinciais, estão suspensas e o povo vai escolher seus verdadeiros líderes (...). Queremos também uma nova Constituição da República, cujo projecto de revisão vai ser apresentado no dia 15 de Janeiro”, declarou Mondlane.

Venâncio Mondlane também defendeu a substituição dos nomes de “comunistas” que foram atribuídos a algumas avenidas em Moçambique, apontando, a título de exemplo, as avenidas Kim Il-Sung e Mao Tsé-Tung, que estão localizadas no centro de Maputo.

“Os nomes das avenidas não têm de ser dados pelos governos centrais. Os nomes das ruas e avenidas devem ser dados pelas pessoas que vivem nesse bairro”, declarou o político, exemplificando os nomes “importantes para história de Moçambique” como Samora Machel, primeiro Presidente do país,

Azagaia, rapper de intervenção social que perdeu a vida no ano passado vítima de doença, Alice Mabota, activista que perdeu a vida em 2023, ou Afonso Dhlakama, histórico líder de oposição que morreu em 2018.

O Conselho Constitucional proclamou, na passada segunda-feira, Daniel Chapo, candidato apoiado pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, no poder), como vencedor da eleição a Presidente da República, com 65,17% dos votos, sucedendo no cargo a Filipe Nyusi, assim como a vitória da Frelimo, que manteve a maioria parlamentar, nas eleições gerais de 09 de Outubro.

Este anúncio provocou o caos no país, com manifestantes pró-Venâncio Mondlane - que segundo o Conselho Constitucional obteve apenas 24% dos votos - nas ruas, barricadas, pilhagens e confrontos com a Polícia, que tem vindo a realizar disparos para tentar a desmobilização.

Mondlane prometeu anunciar

novos protestos para os próximos dias, mas ontem, no seu directo no Facebook, avançou que pondera abrir espaço para “cinco dias de tolerância” para entrada de organizações internacionais humanitárias e de investigação para avaliar alegados atropelos aos direitos humanos pela Polícia em Moçambique, pedindo a opinião dos moçambicanos por email.

O político também avançou ainda que há um conjunto de antigos Presidentes de países da região austral que manifestaram a intenção de intermediar as negociações, acusando o partido no poder de não estar interessado em conversações.

Desde 21 de Outubro, pelo menos 277 pessoas morreram nas manifestações pós-eleitorais em Moçambique, metade das quais apenas desde a proclamação dos resultados na passada segunda-feira, segundo novo balanço feito ontem pela plataforma eleitoral Decide. **(Redacção)**

Recapturados pelo menos 280 reclusos evadidos em Maputo

algumas “instalações tecnicamente chave” dos estabelecimentos penitenciários, entre os quais o sector de controlo penal, processos e computadores, em alguns dos quais foram retiradas unidades de disco rígido.

“O curioso é que em algumas situações, antes de incendiar os computadores, retiraram as [unidades de disco rígido], sinal de que se tratou de uma operação feita com alguma preparação. Sob o ponto de vista tecnológico, não é qualquer recluso que sabe da utilidade de uma [unidade de disco rígido], pelo menos a maior parte”, referiu Filimão Suaze.

Moçambique viveu semana finda uma nova fase de tensão social, na sequência de protestos contra os resultados das eleições gerais que culminaram com confrontos entre

manifestantes e a Polícia.

Os 1.534 reclusos evadiram-se das cadeias na tarde de 25 de Dezembro, anunciou, no mesmo dia, o comandante-geral da Polícia, afirmando tratar-se de uma acção “premeditada” e da responsabilidade de manifestantes pós-eleitorais e em que morreram 33 pessoas. “Esperamos nas próximas 48 horas uma subida vertiginosa de todo o tipo de criminalidade na cidade de Maputo”, afirmou Bernardino Rafael, garantindo que entre os reclusos em fuga estão 29 “terroristas”, alguns “altamente perigosos”.

O Conselho Constitucional (CC) proclamou na segunda-feira passada Daniel Chapo, candidato apoiado pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, no poder), como vencedor da eleição a Presidente da República,

com 65,17% dos votos, sucedendo no cargo a Filipe Nyusi, bem como a vitória da Frelimo, que manteve a maioria parlamentar, nas eleições gerais de 09 de Outubro.

Este anúncio provocou novo caos em todo o país, com manifestantes pró-Venâncio Mondlane - que obteve apenas 24% dos votos - nas ruas, barricadas, pilhagens e confrontos com a Polícia, que tem vindo a realizar disparos para tentar a desmobilização.

Pelo menos 134 pessoas morreram desde segunda-feira passada nas manifestações pós-eleitorais em Moçambique, elevando a 261 o total de óbitos desde 21 de Outubro, e 573 baleados, segundo o último balanço feito pela plataforma eleitoral Decide. **(Redacção)**

COMUNICADO

(Maputo) Por sugestão da direcção editorial deste jornal, o Diário de Notícias (DN) comunica que, como forma de dar algum descanso aos seus profissionais, vai interromper as suas actividades a partir de amanhã, sendo que as mesmas serão retomadas na segunda-feira, seis de Janeiro de 2025. Informa-se ainda que os sectores comercial e administrativo estarão a funcionar. A interrupção visa simplesmente a publicação do jornal. A empresa Media Jornalistas Associados aproveita o ensejo para desejar a todos um bom final de ano e próspero 2025. **(Redacção)**

África do Sul reencaminha comércio para fronteira de Eswatini

(Maputo) Enquanto Moçambique se debate com uma crise política na sequência de uma eleição nacional contestada e de violentos protestos, a situação na sua fronteira sul com a África do Sul é cada vez mais volátil, afectando o comércio e as viagens.

A violência em Moçambique obrigou a que o comércio e as viagens fossem desviados do Posto Fronteiriço de Leebombo, na África do Sul, para o Posto Fronteiriço de Mananga, em Eswatini, com Mananga a servir de tábua de salvação improvisada para os que procuram passagem a partir de Moçambique.

Michael Masiapato, comissário da Autoridade de Gestão de Fronteiras da África do Sul, disse que, embora as autoridades estejam a gerir a crise, esta continua a colocar desafios significativos. “Mesmo (...) quando se destacam os militares e os agentes da Polícia no corredor [entre a capital, Maputo, e a fronteira], não se consegue cobrir todas as áreas”, disse.

Os protestos, disse ele, são “muito esporádicos” e “muito difundidos”.

Na sequência da controversa vitória eleitoral do candidato presidencial Daniel Chapo, na segunda-feira passada, Moçambique mergulhou na agitação, deixando dezenas de mortos no meio de violentos protestos.

Alguns analistas manifestaram a preocupação de que a continuação da violência política possa desestabilizar a segurança regional e impedir o desenvolvimento económico, desencadeando a proliferação de armas e a actividade criminosa.

Um analista político moçambicano disse que está cautelosamente optimista de que os esforços sul-africanos e europeus possam ajudar a acalmar a situação.

A situação é volátil”, disse ele, “A boa notícia é que estamos a ouvir mais apelos de diferentes países - da África do Sul, de outros países europeus - pedindo mais diálogo. A África do Sul veio a público dizer que está disposta a facilitar o diálogo.

“Sabemos que o Governo sul-africano, liderado pelo ANC, tem apoiado a Frelimo”, o partido político no po-

der. “Foram os primeiros a felicitar a Frelimo por ter ganho estas eleições fraudulentas. Mas estamos satisfeitos por estarem agora a aderir aos apelos para dizer que estamos dispostos a facilitar o diálogo entre a oposição em Moçambique e o partido no poder”.

Levy Ndou, analista político sul-africano e professor na Universidade de Tecnologia de Tshwane, em Joanesburgo, disse acreditar que os esforços dos actores regionais para dialogar com o Governo moçambicano são sinais encorajadores de que muitos na região procuram a paz e a estabilidade.

“É claro que, se a situação se descontrolar, será necessária a intervenção da SADC para garantir a paz, a estabilidade e, de facto, a actividade económica”, disse Ndou, referindo-se à Comunidade de Desenvolvimento da África Austral.

O Presidente do Zimbabué, Emmerson Mnangagwa, que preside à SADC, disse que o bloco regional está pronto para ajudar Moçambique. **(Redacção)**

TENTATIVA DE DAR SEGURANÇA A QUEM FICA EM CASA

Vizinhos de Maputo juntam-se para vigiar madrugadas

(Maputo) São vizinhos, juntam-se antes da meia-noite, às dezenas, de coletes reflectores, em grupos espontâneos e vigiam pela madrugada as ruas de Maputo, tentando dar segurança a quem fica em casa, num ambiente constante de tensão.

Estes vigilantes preferem não dar a cara e nestes grupos, de algumas dezenas cada, não se fala de política, a mesma que levou às manifestações e conflitos pós-eleitorais que há mais de dois meses marcam Moçambique.

“Segurança à minha família, a mim, em primeiro lugar, e aos meus vizinhos, para começar. Esta situação, como toda a gente sabe, deixa toda a gente alarmada. Então, é para garantir a segurança de todos. Não só aqui do bairro, mas à volta, nos arredores, também”, explica um destes vigilantes.

“É uma organização espontânea”, garante.

A ideia surgiu de um encontro na quinta-feira entre membros dos vários bairros do centro de Maputo, deu origem a vários grupos de whatsapp organizados por zonas da cidade e na mesma noite passou à prática. A fuga de mais de 1.500 detidos da Cadeia Central de Maputo, no dia de Natal, motivou a necessidade de segurança, ainda que andem desarmados.

“Estamos todos num grupo e comunicamos se há alguma situação”, explica. Assumem o papel de vigilantes, por estes dias, mas antes de mais são vizinhos a zelar pela segurança uns dos outros.

“Sentimos essa necessidade de segurança, principalmente depois de

os prisioneiros terem fugido. Todos os bairros da cidade se concentraram (...), fizeram-se subgrupos para cada zona específica e o nosso objectivo é dissuadir e tentar identificar potenciais ameaças”, explica outro destes vigilantes, que tem a seu cargo as ruas do bairro Sommerschield.

Patrulhas que se prolongam pelas “horas críticas”, até às 04:00, mas até agora sem nenhum problema.

“Mas é para dar segurança às pessoas, somos todos vizinhos (...) Cada zona tem o seu grupo”, conta, sendo que durante estas patrulhas os vários grupos cruzam-se e estão sempre contactáveis para qualquer apoio.

“Se houver algum problema enviam a localização e vamos ver o que se passa. Ontem, por exemplo, encontrá-

mos um portão aberto, um falso alarme (...), fomos todos lá, mas foi um falso alarme (...) mas houve outras zonas onde se encontraram pessoas a tentar vandalizar e depois, em coordenação com as autoridades, elas vão lá ter. Nós só estamos a vigiar e a dar segurança, principalmente nesta zona onde nesta altura do ano há muitas casas vazias”, sublinha.

Nestes grupos juntam-se várias nacionalidades, todo o tipo de classes sociais, cada um com a sua profissão, mas são sobretudo vizinhos que não discutem política.

“Ninguém faz perguntas a ninguém, estamos aqui só mesmo para vigiar, porque sabemos que neste momento a Polícia não está com a capacidade toda para ir a todos os sítios e nós somos mais uns olhos a ver e a dar segurança, porque as pessoas também estão cansadas deste sentimento de insegurança”, admite.

Moçambique vive desde a pas-

sada segunda-feira uma nova fase de tensão social, na sequência do anúncio dos resultados finais das eleições gerais, que chegou a ser marcada por saques, vandalizações e barricadas, nomeadamente em Maputo.

O Conselho Constitucional (CC) proclamou na mesma segunda-feira Daniel Chapo, candidato apoiado pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, no poder), como vencedor da eleição a Presidente da República, com 65,17% dos votos, sucedendo no cargo a Filipe Nyusi, bem como a vitória da Frelimo, que manteve a maioria parlamentar, nas eleições gerais de 09 de Outubro.

Este anúncio provocou novo caos em todo o país, com manifestantes pró-Venâncio Mondlane - que obteve apenas 24% dos votos - nas ruas, barricadas, pilhagens e confrontos com a Polícia, que tem vindo a realizar disparos para tentar a desmobilização.

Na tarde de 25 de Dezembro, pelo

menos 1.534 reclusos evadiram-se da Cadeia Central de Maputo, de máxima segurança, disse, no mesmo dia, o comandante-geral da Polícia, afirmando tratar-se de uma ação “premeditada” e da responsabilidade de manifestantes pós-eleitorais e em que morreram 33 pessoas.

“Esperamos nas próximas 48 horas uma subida vertiginosa de todo o tipo de criminalidade na cidade de Maputo”, afirmou Bernardino Rafael, garantindo que entre os reclusos em fuga, dos quais apenas cerca de 150 foram recapturados, estão 29 “terroristas”, alguns “altamente perigosos”.

Segundo o comandante-geral da Polícia, a evasão da Cadeia Central de Maputo, na cidade da Matola, a 14 quilómetros do centro da capital moçambicana e que contava com cerca de 2.500 condenados e detidos, resultou da “agitação” de um “grupo de manifestantes subversivos” nas imediações. **(Redacção)**

INTERROMPIDA DEVIDO AOS CONFLITOS PÓS-ELEITORAIS

Montepuez Rubi Mining produção até final do ano

(Maputo) A Montepuez Rubi Mining (MRM), que opera a maior mina de rubis de Moçambique, anunciou que prevê retomar até ao final do ano a produção, interrompida desde 24 de Dezembro devido aos conflitos pós-eleitorais.

Em causa está a deterioração das condições de segurança na área da mina, em Cabo Delgado, norte de Moçambique, nas últimas semanas, sendo que no dia 24 de Dezembro, detalha a companhia, “mais de 200 pessoas tentaram invadir” a vila da MRM, destruindo e incendiando várias estruturas.

Nesta escalada de violência, a intervenção da Polícia e militares que garantem a segurança no local levou à morte de duas pessoas no local.

Algumas das 500 pessoas que trabalham na área foram deslocadas para outros locais a partir de 26 de Dezembro, por questões de segurança, dois dias depois da interrupção das actividades na mina.

“A MRM pretende regressar às operações normais antes do final do ano”, garante a empresa, no mesmo comunicado, recordando que também

a aldeia vizinha de Wikupuri, construída pela mineradora, foi atacada esta semana por alegados manifestantes, com saques e destruição.

Moçambique vive desde segunda-feira passada uma nova fase de tensão social, na sequência do anúncio dos resultados finais das eleições gerais, que chegou a ser marcada por saques, vandalizações e barricadas, nomeadamente em Maputo.

O Conselho Constitucional proclamou na tarde dessa segunda-feira Daniel Chapo, candidato apoiado pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, no poder), como vencedor da eleição a Presidente da República, com 65,17% dos votos, sucedendo no cargo a Filipe Nyusi, bem como a vitória da Frelimo, que manteve a maioria parlamentar, nas eleições gerais de 09 de Outubro.

Este anúncio provocou novo caos em todo o país, com manifestantes pró-Venâncio Mondlane - que obteve apenas 24% dos votos - nas ruas, barricadas, pilhagens e confrontos com a Polícia, que tem vindo a realizar disparos para tentar a desmobilização.

A exploração de rubis na mina

da MRM rendeu desde 2012 mais de mil milhões de dólares, de acordo com dados divulgados no final de Abril pela Gemfields, que detém 75% da empresa.

Segundo o relatório “Factor G para Recursos Naturais”, que visa promover a transparência sobre o nível de riqueza dos recursos humanos partilhados pela Gemfields “com os governos dos países anfitriões” provenientes dos sectores mineiro, petrolífero, gás, madeira e pesca, a MRM teve uma receita total de 151,3 milhões de dólares em 2023.

Desde que a Gemfields adquiriu os 75% da MRM - em Fevereiro de 2012, ano do início da exploração mineira, tendo os leilões de rubis começado dois anos depois -, a mina acumula receitas superiores a 1.055 milhões de dólares, pagando ao Estado moçambicano, no mesmo período, 257,4 milhões de dólares.

No ano passado, a MRM pagou ao Estado moçambicano 53,2 milhões de dólares em ‘royalties’ e impostos, de acordo com o mesmo relatório. A MRM é detida em 75% pela Gemfields e em 25% pela Mwiriti Limitada, uma empresa moçambicana. **(Redacção)**